GERSON MOURA – IN MEMORIAM (1939-1992)

Celso Lafer

A análise das relações internacionais e a história diplomática são duas áreas complementares de pesquisa, nas quais a produção acadêmica brasileira é reconhecidamente modesta. Gerson Moura, que acaba de falecer, tão moço e em plena atividade, integrava com destaque o pequeno grupo de "scholars" que atuava nas duas áreas, pois no seu itinerário intelectual, história e ciência política combinaram-se de maneira harmoniosa. Tinha, com efeito, a sensibilidade para fazer as perguntas relevantes para a análise da política externa como uma política pública voltada para a compatibilização das necessidades internas com as possibilidades externas. Dava às perguntas que norteavam suas investigações as respostas do historiador solidamente embasado numa competente utilização de fontes primárias documentais. Dessa maneira, enriqueceu e inovou a compreensão crítica dos assuntos que estudou, concentrados preponderantemente em torno da inserção internacional do Brasil no período que se estende dos anos 30 até o início da década de 50.

Conheci Gerson Moura mais de perto em 1979, participando, no IUPERJ, de sua banca de mestrado e apreciando a qualidade de seu belo trabalho, *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*, publicado no ano seguinte pela Nova Fronteira. Na condição de amigo, li a sua excelente tese de doutorado, *Brazilian foreign relations 1939-1950, The changing nature of Brazil-United States relations during and after the Second World War*, apresentada e defendida em 1982 no University College de Londres. Vi, com grande interesse, os seus livros da década de 80, *Tio Sam chega ao Brasil* (1984) e *A Campanha do Petróleo* (1986), ambos publicados pela Brasiliense. Testemunhei o meu apreço pelo seu trabalho resenhando recentemente para a *Folha de S. Paulo* (01/02/92), em texto posteriormente reproduzido em *Política Externa* (vol.1, nº 1, junho de 1992), o seu último livro: *Sucessos e ilusões – relações inter-*

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 131-133.

nacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial (Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1991).

Gerson, que teve no meritório CPDOC da Fundação Getulio Vargas a base de seu trabalho de investigador, dedicou-se, na sua obra, a uma indagação crítica sobre as reais possibilidades e as efetivas limitações da capacidade de atuação do Brasil no mundo, tendo como horizonte as relações com os Estados Unidos.

Duas foram as suas conclusões básicas. A primeira foi a de, levando em conta os antecedentes da década de 30, mostrar e documentar como, durante a Segunda Guerra, o alinhamento brasileiro aos Estados Unidos foi ditado pelas condições do sistema internacional, realçando, no entanto, que o processo foi conduzido pelo presidente Getúlio Vargas com compreensão dos nichos de oportunidades. Daí a capacidade que teve a política externa brasileira de gerar ganhos econômicos, políticos e militares para o país. Este é o significado da *autonomia na dependência*.

A segunda foi a de dar evidências que, no pós-guerra, no tempo da presidência Dutra, o alinhamento foi igualmente imposto pelas circunstâncias da rígida bipolaridade da vida internacional, mas, ao contrário do que ocorreu durante a guerra, deixou de ser utilizado como instrumento de ação diplomática brasileira. Daí a sua avaliação, para valer-me do título de um trabalho seu publicado em 1990 pelo CPDOC, de que a política externa do governo Dutra caracterizou-se por um *alinhamento sem recompensa*.

Na obra de Gerson, a dicotomia *Getúlio/Dutra*, nos moldes em que ele a formulou conceitualmente, ou seja, *autonomia na dependência/alinhamento sem recompensa*, estava sendo ampliada por novas investigações. É o que se pode ver num dos seus últimos trabalhos: o modelar "Avanços e recuos: a política exterior de JK" que integra *O Brasil de JK*, volume organizado por Angela de Castro Gomes, publicado em 1991 pela Fundação Getulio Vargas-CPDOC.

Neste estudo Gerson mostrou, com muita sutileza, as mudanças ocorridas no plano internacional, na década de 50, que corroeram a rigidez da bipolaridade EUA-URSS, típica do imediato pós-guerra. Entre elas a crise do Suez, a insurreição húngara e a Conferência de Bandung, marco simbólico do processo de descolonização e do início do não-alinhamento. Daí as possibilidades de um novo relacionamento com os EUA, que o governo Dutra não podia e sobretudo não queria intentar, e o segundo governo de Getúlio, como mostrou Mônica Hirst, buscou empreender sem muito sucesso por força da rigidez do sistema internacional (cf. Mônica Hirst, *O pragmatismo impossível – a política externa do segundo governo Vargas (1951-1954)*, (Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1990).

É neste contexto, de um sistema internacional bipolar com algumas fissuras, e de um sistema regional interamericano ainda muito rígido, que vai mover-se a política externa de JK. Esta é, como mostrou Gerson, uma combinação do "novo" e do "velho". Reproduz, no plano externo, como disse a ele numa boa conversa, a fórmula de JK no plano interno que estudei nos meus trabalhos sobre o Programa de Metas. Há, em síntese, avanços e recuos nos esforços da política externa do Brasil de JK de ampliar o controle do país sobre o seu próprio destino. Foi isto que Gerson examinou e documentou, tendo como objeto de análise o desenvolvimentismo, a Operação Pan-Americana, a descolonização da África e o reatamento das relações econômicas com a URSS.

Creio, em outras palavras, que o ensaio de Gerson sobre a política externa de JK estava assinalando uma nova etapa de sua trajetória, na qual ampliaria, com base nos documentos, o alcance e a abrangência dos conceitos analíticos de avaliação da políti-

ca externa brasileira que tinha elaborado. Por isso o seu desaparecimento tem a pesarosa carga de uma dupla perda: a do amigo e a do intelectual que estava iniciando uma nova etapa, que ficou inconclusa, de uma bela, séria e conscienciosa carreira dedicada ao estudo do Brasil no mundo.

30/12/92

Celso Lafer é doutor em ciência política pela Universidade de Cornell (USA) e livre-docente de direito internacional público pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo onde lenciona direito internacional público e filosofia do direito. É autor de vários livros, dos quais destacamos *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979); *Comércio e relações internacionais* (São Paulo, Perspectiva, 1977) e *O sistema político brasileiro: estrutura e processo* (São Paulo, Perspectiva, 1975).